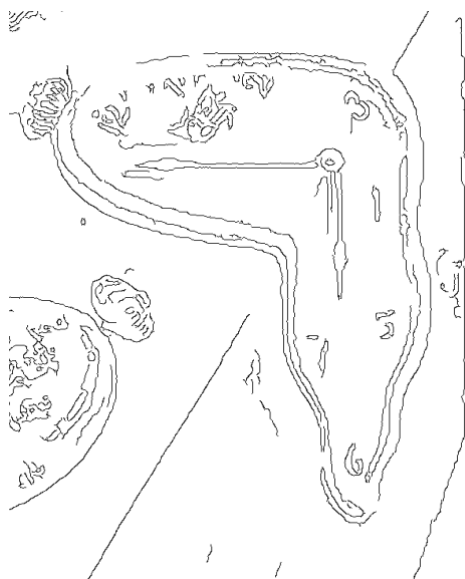


Reflexões sobre memória social, identidade e avosidades femininas

Raquel da Silva Pavin



A relação da memória social em consonância com as avosidades pode ser construída de forma coletiva, nas trocas de saberes e lembranças que essa vivência vai sendo criada e ao mesmo tempo rememoradas, de gerações para gerações. Uma identidade social permeada por similitudes e diferenças, vivenciadas e interpretadas por indivíduos e grupos sociais.

Estudiosos como Halbwachs (2004) nos auxiliam nesta reflexão destacando que o sujeito que recorda é um indivíduo composto e atravessado por construções coletivas e grupos de referência. Além disso, a memória é uma construção grupal, sem deixar de lado a construção individual, o que conversa com a vivência das avosidades, sendo esta experiência vivida de forma individual, mas também trazendo semelhanças coletivas.

Para Ângela Mucida (2009) a memória pode ser construída por acontecimentos que não são apagados, mas que nem sempre estão presentes em nossos pensamentos, salienta que esta “[...] encontra-se na forma de cada um perceber, interpretar, imaginar ou assimilar as experiências vividas” (2009, p. 85), considerando as particularidades do rememorar. Destaca, ainda, que existem três características que se entrelaçam na definição da memória: “os traços marcados das experiências vividas, pensadas, sentidas ou imaginadas, a força da impressão desses traços e os efeitos do tempo sobre eles.” (MUCIDA, 2009, p. 85). Aqui se refere à memória no campo subjetivo, considerando a intensidade e os efeitos destes aspectos elencados. Salienta que a memória.

[...] apresenta-se por algumas impressões como odor, som, gosto, textura ou vestígios que reescrevendo experiências passadas e dando-lhes uma sensação de atualidade entrelaça o passado com o presente e o futuro, como se o tempo que passa deixasse de imperar (MUCIDA, 2009, p. 86).

Esses elementos destacados remetem à impressão de que o tempo não apaga as lembranças e que estas são retomadas via impressões cotidianas. A autora vai apontar, no subitem da sua obra *Memória nos tempos atuais*.

A importante reflexão acerca da “desvalorização da história, da tradição e da memória” e complementa trazendo que “se tudo deve passar rápido, se a história não tem importância e se a experiência não é válida, inaugura-se uma barreira contra a retenção e a atualização da memória. A memória necessita de um intervalo, de um tempo para que algo seja retido [...] (MUCIDA, 2009, p. 87).

No recorte acima, percebe-se a importância do tempo para que as memórias sejam retidas e rememoradas quando disparadores subjetivos se manifestam e a necessária ruptura com a lógica da fluidez das histórias, pois a memória pressupõe trajetória, tempo e legado.

A história não se apaga, as marcas não se desfazem no tempo, mas sofrem a incidência do temporal, tudo o que passa no decurso do tempo. Cabe a cada sujeito encontrar maneiras de incluir sua diferença, oferecendo novas versões disso que da memória jamais se apaga. Não é possível anular o presente e viver do passado, pois ele jamais retorna de forma como foi vivido, mesmo se pelas lembranças permaneça intacto (MUCIDA, 2009, p. 89)

Completa trazendo que a memória não é apagada, mas que os sujeitos que as possuem buscam formas de reviver com novas interpretações. Dando novos significados conforme experimentam novas vivências e sentidos.

As lembranças sofrem também os efeitos das fantasias, das novas inscrições e do sentido que o sujeito dá depois aquilo que retorna. A memória não é, portanto, uma reprodução exata dos fatores ocorridos. É impossível reproduzirmos as vivências; estas sofrem distorções das fantasias e da passagem do tempo (MUCIDA, 2009, p. 91).

A memória não precisa ser trazida de forma ideal, pois, ao longo dos anos, damos novos significados à trajetória, assim como escolhemos, não de forma somente objetiva o que queremos ou não lembrar. Estas memórias podem ser processadas de forma pessoal ou até mesmo social.

O conceito de memória social, “não pode ser formulado em moldes clássicos, sob uma forma simples, imóvel, unívoca. Ao contrário este se trata de um construto complexo, inacabado em permanente processo de construção” (GONDAR, 2005, p. 7). Desta forma, a memória coletiva pode ser entendida numa perspectiva histórica, composta por elementos abstratos de informações e formas de coletividade. Considerando indivíduo, tempo e lugar, ao qual se constitui intrinsecamente a partir das memórias tanto particulares, vivida na individualidade, quanto em processo de interação social, contidos, também, nas vivências das avosidades.

Para Halbwachs (2004), o papel da memória social consiste em pensar os grupos sociais e a reprodução da memória do passado no viés coletivo. Esta memória versa sobre sentimentos de identidade, que possibilita a identificação dos coletivos, realizando a distinção dos demais. Assim, compreende-se que a memória social pode ser entendida como as circunscrições do passado que

permanecem ativas na vida social dos grupos e, ao mesmo tempo, preocupa-se com o que estes grupos fazem com este passado. São os traços do passado que suscitam ações futuras. Nos estudos de Halbwachs (2004) pode-se entender que a memória compõe a identidade entendendo a construção desta como um reflexo das construções coletivas que um grupo cria ao longo do tempo histórico.

Pollak (1992), em seu artigo "Memória e identidade social", aborda importantes reflexões sobre as concepções de memória e sua relação com a identidade social. Ainda destaca que a memória é constituída dos acontecimentos vividos de forma individual, íntima e no coletivo, grupal.

Sobre a definição de memória, o autor salienta que ela se apoia em um tempo cronológico e a lugares. Sobre o segundo aspecto, traz que os lugares da memória estão interligados a lembranças pessoais e que conjuntamente são atravessadas pelo tempo, o que pode ser perfeitamente relacionado ao momento ao qual uma pessoa se torna avó ou avô, quando fica sabendo da novidade ou até mesmo quando acompanha o nascimento de seu neto(a), existe um tempo, dia, ano e lugar, mas também as diversas sensações e sentimentos; as lembranças daquele fato.

Este mesmo acontecimento cria inúmeras projeções que estão relacionadas aos eventos vivenciados pelos indivíduos nas avosidades. Os vestígios dos fatos ocorridos trazem inúmeros significados para o evento e, com isso, uma série de expectativas. Ao mesmo tempo, dentro da definição da memória, Pollak (1992), vai destacar que a memória é seletiva: lembramos das ocorrências conforme o grau de importância e significados, que "nem tudo fica gravado" (POLLAK, 1992, p.203). Sendo a memória, então, um fenômeno composto de elementos individuais e coletivos e permeada de acontecimentos que são herdados, pode-se relacionar este conceito com o de identidade. Conforme refere Pollak (1992, p.204), a identidade pode ser "a imagem que tem de si, para si e para os outros", a representação de si, que constrói com o passar do tempo, e que manifesta no coletivo. Pode-se destacar:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si (POLLAK, 1992, p. 204).

A relação da memória com a identidade possibilita pensarmos na construção de uma identidade coletiva e está manifestada em sociedade. Em relação à identidade coletiva o autor aborda.

Por identidades coletivas, estou aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo - quer se trate de família ou da nação - o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência (POLLAK, 1992, p. 207).

Assim, a construção da identidade coletiva está interligada na forma como é representada aos outros. Como exemplo, ao pensarmos sobre o tornar-se avó:

este acontecimento na vida de uma mulher, este fato que atravessa inúmeras lembranças das memórias herdadas, destacando a vivência enquanto neta, mas também na reprodução de um imaginário social, onde, muitas vezes, determina qual identidade deve ter uma avó, com padrões normativos que geram uma série de estereótipos sobre essa personagem. A discussão de memória e identidade social dão essência para refletirmos sobre o papel social das avós e as avosidades na contemporaneidade, pois são valores que estão em disputa nas relações interpessoais e geracionais.

Em seus estudos, Woodward (2014) salienta que a identidade assume uma série de elementos a serem considerados. Afirma que a “a identidade é relacional [...]” (p.9), só se define enquanto identidade, por ter uma outra diferente a esta, apresentando condições para a primeira existir. Pode-se pensar na realidade de mulheres idosas que são avós e as que não são, uma vez que existe uma relação para as identidades se manifestarem, bem como o mesmo autor também defende: “A identidade é marcada por meio de símbolos”, manifestações e reproduções esperadas destas identidades, como uma forma estereotipada, muitas vezes, como é o exemplo da simbologia da avó das histórias infantis.

Conforme afirma o autor, a identidade está “vinculada a condições e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou como tabu, isto terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais [...]” (WOODWARD, 2014, p. 14). A própria avosidade pode estar inserida nesta discussão, como se todas as mulheres idosas devessem ser avós e ou sentirem-se realizadas com esta vivência, como o mesmo autor comenta, ao destacar a maternidade e a identidade estigmatizada como “biologicamente fundamentada”. No entanto, será que não devemos ampliar o leque sobre esta discussão e entender as identidades como processos de transformação, onde existe fluidez e transitoriedade? O mesmo questionamento provoca ainda refletir sobre a movimentação da identidade, entendendo esta como não fixa.

Frente esta discussão o autor vai mencionar um importante conceito, bastante articulado à forma como podemos pensar as avosidades ou a identidade das avós, nos traz a conceituação de representação, esta entendida, como.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-os como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar [...] A representação [...] estabelece identidades individuais e coletivas[...] (WOODWARD, 2014, p. 18).

Ainda sobre as representações, o mesmo autor observa as simbólicas e sociais: “somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade das representações simbólicas, mas também pelas relações sociais” (p. 19). Estas reflexões permitem pensar a identidade atravessada por manifestações ora subjetivas e individuais, ora coletivas e construídas socialmente.

Assim, por muitas vezes, a sociedade, dentro da lógica capitalista e globalizada, acaba moldando essas identidades individuais e grupais, gerando uma reprodução de identidades ideais estereotipadas e fantasiosas, como é o caso, se pensarmos as avosidades somente experimentada por mulheres que são idosas, desconsiderando a diversidade deste fenômeno, tanto etário quanto econômico, étnico racial e cultural. Fica posto o desafio.

Referências

GONDAR, Jô. Quatro Proposições sobre Memória Social, in: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**, Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 149 p.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 09 jun. 2022.

WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 133 p.

Data de recebimento: 22/11/2022; Data de aceite: 20/12/2022

Raquel da Silva Pavin - Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle (RS). Assistente Social, docente e estudiosa das velhices. E-mail: pavinraquel@gmail.com